

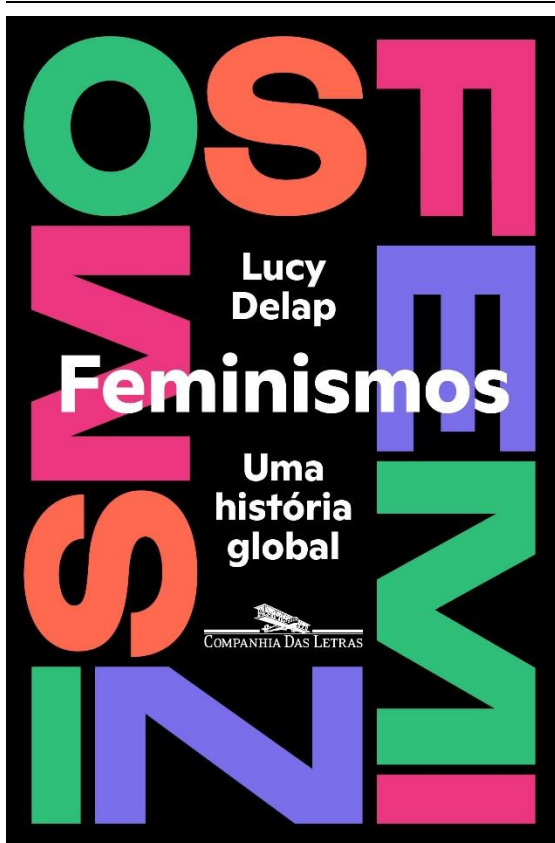


## RESENHA



DELAP, Lucy. *Feminismos: Uma história global*. Tradução de Isa Mara Lando e Laura Teixeira Motta. 1<sup>o</sup> edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

Samara Akemi Saraiva, *UNIFESP*



A temática atual em voga, no campo das ciências humanas e sociais, tem sido a História Global. Essa perspectiva que tem pretendido consolidar-se como um paradigma, objetiva superar a categoria de estado-nação, veementemente utilizada como unidade fundamental de análise desde a criação do campo das humanidades. A crítica erigida pelos defensores desse tipo de compreensão da história é a de que o “nacionalismo metodológico”, que acompanhou a fundação do campo das ciências humanas, teria ainda criado um outro problema - que a abordagem da História Global pretende também superar - que é a do “eurocentrismo”. Neste sentido, a noção de que a Europa seria o centro da sociedade

moderna. Um dos partidários célebres da perspectiva global, Sebastian Conrad, argumenta que a nova abordagem proposta busca focar-se nos contatos, interações e conexões entre espacialidades alternativas, compreendendo assim as unidades históricas analisadas sempre em relação umas com as outras (CONRAD, 2019).



A História Global é o tema do mais recente trabalho da historiadora, especialista em estudos de gênero e da história do feminismo, Lucy Delap. A obra *Feminismos: Uma História Global* se utiliza deste tipo de perspectiva para compreender os complexos arranjos que figuraram o processo histórico do movimento feminista e de suas lutas ao redor do mundo. A autora é professora da Universidade de Cambridge e fellow do Murray Edwards College. Seu livro anterior *The Feminist Avant-Garde* ganhou o Women's History Network Prize em 2008, e sua pesquisa recebeu o Royal Historical Society Public History Prize. Delap, que concentrou suas pesquisas abrangendo a espacialidade que compreende a Grã-Bretanha, os Estados Unidos e o Império Britânico, explora neste trabalho atual, o feminismo a partir da perspectiva global com o objetivo de entender as inclusões e exclusões do movimento ao longo do tempo. Para a autora: “[...] a história do feminismo não pode ser localizada apenas dentro de determinados países, regiões ou impérios coloniais. As influências globais se baseiam na migração dos indivíduos [...]” (DELAP, 2022, p. 22).

Empenhada com as novas abordagens dos estudos sobre a história do feminismo, Delap pretende contribuir para a crítica ao eurocentrismo, que persistiu durante muito tempo nos estudos sobre o tema e posicionou as mulheres euro-americanas, brancas e burguesas como aquelas que originaram e teorizaram a luta pelos direitos e liberdades das mulheres. Nesse sentido, a autora busca demonstrar com sua obra, como o feminismo não é um movimento oriundo do ocidente, mas que possui suas raízes em todo o globo. Dessa maneira, para Delap: “o feminismo é mais bem compreendido como uma conversa do que como uma importação; mas uma conversa com muitos registros.” (DELAP, 2022, p. 23).

Em *Feminismos: Uma História Global*, podemos ter uma noção da trama de complexidades dos diversos feminismos nos variados contextos globais. Para sua análise, a autora utiliza-se de algumas metáforas. A primeira seria a ideia de “feminismo em mosaico”, que convoca a tentativa de estabelecer uma visão de longe e, ao mesmo tempo, atenta aos fragmentos dessa história. Essa leitura em mosaico é também fundamentada pelo conceito de “política das rachaduras”, de Kimberly Springer. Através dele sugere Delap: “[...] que não olhemos apenas para os casos e para os fragmentos que constituem um mosaico, mas também para as lacunas entre as peças” (DELAP, 2022, p. 24).

No entanto, é na metáfora das “ondas de rádio” proposta pela historiadora Nancy Hewitt e incorporada por Delap, que a autora provoca e crítica uma outra metáfora já bastante consolidada e que estrutura a



organização da história do feminismo em “ondas feministas”. Segundo Delap: “Ela [Nancy Hewitt] propõe que, em vez de vermos sucessivas ‘ondas oceânicas’ de feminismo, imaginemos transmissões radiofônicas simultâneas e concorrentes, algumas com boa altura e clareza, outras perturbadas por estática” (DELAP, 2022, p. 264). Para a autora, a estrutura que organiza o feminismo em “ondas” estabelece uma ideia errônea de homogeneização e igualdade de vozes dentro do movimento. Dessa forma, a ideia proposta por Hewitt e incorporada por Delap, busca complexificar esse entendimento demonstrando que dentro do feminismo há multiplicidade, discordâncias e desigualdades. Além disso, segundo Delap, as ondas radiofônicas também possibilitam que possamos escutar as muitas vozes dos feminismos.

A obra é organizada em oito capítulos que apresentam temáticas diversas e demonstram diferentes formas e maneiras em que as mulheres, em diferentes contextos globais, se organizaram e mobilizaram-se por direitos, liberdades e igualdade de gênero. São eles: sonhos, ideias, espaços, objetos, visuais, sentimentos, ações e canções.

O primeiro capítulo apresenta a ideia de *sonhos* feministas enquanto utopias de um mundo novo. Nele são apresentados, desde a imaginação das novas relações entre homens e mulheres através da literatura, até os sonhos utópicos feministas que se concretizaram através de figuras e posicionamentos diversos. O que fica exposto é a diversidade de imaginação e utopias em que as mulheres pudessem alcançar a igualdade de gênero. Esses novos mundos, sonhados de lugares distintos como Índia (sob o império britânico), União Soviética e Estados Unidos, ora muito se assemelham, ora se distanciam completamente.

Dos *sonhos*, Delap nos encaminha para as *ideias* que inspiraram diversas teorias e análises sobre a organização dos gêneros na sociedade. Desde o início, a autora alerta que parte da constatação de que “a diferença por sexos não é uma divisão natural, mas sim imposta de diferentes formas no tempo e no espaço” (DELAP, 2022, p. 53). Leituras do mundo a partir da dominação de gênero são apresentadas e analisadas através do “patriarcado” e do “nannü”. Sabemos também como essas teorias e análises inseriram-se em movimentos como socialismo, comunismo, anarquismo, nacionalismo, republicanismo e movimento Black Power, assim como também deu base para formas de ações dentro do próprio movimento feminista.

O terceiro capítulo trata da importância da reivindicação de *espaços* para o movimento feminista. Com isso a autora explora os locais de trabalho, templos religiosos e redes econômicas e comerciais, utilizados



pelas mulheres como formas de refúgio, resistência, contestação, acolhimento e empoderamento. Diferenças entre classe, raça e nacionalidade são demonstradas através da ocupação desigual de espaços que foram sendo conquistados por alguns grupos de mulheres, mas completamente negado a outros. A reflexão sobre os espaços no movimento feminista evidencia que o gênero pode unir as experiências das mulheres em diferentes localidades, mas outros marcadores presentes na sociedade capitalista as diferenciam e as impedem de experienciar as mesmas trajetórias.

*Objetos e visuais* formam o quarto e o quinto capítulo que dialogam entre si e buscam demonstrar a importância da cultura material para o movimento feminista. Conforme Delap argumenta: “[...] os objetos de consumo ajudaram a apresentar argumentos políticos, a comunicar ideias feministas, a identificar outras feministas e a promover os sonhos feministas” (DELAP, 2022, p. 119). No capítulo *visuais* cabe um destaque na análise realizada pela autora sobre o uso do véu pelas mulheres islâmicas e como o Ocidente, com seu ímpeto islamofóbico e orientalista, busca conformar uma ideia do véu como símbolo de opressão. Recusando-se, então a ouvir e compreender as diversidades das experiências e demandas do feminismo islâmico.

Em *sentimentos*, a autora parte do estereótipo disseminado sobre as feministas serem “exaltadas” para demonstrar como não só a raiva, mas também o amor, foram e ainda são combustíveis para muitas das motivações de ações feministas. Essas emoções são frequentemente vivenciadas dentro do próprio movimento, que possui distinções entre si. Há, por exemplo, as feministas que vivenciam a maternidade, as que amam outras mulheres, as latino-americanas, as do norte-global, as comunistas, as liberais e etc. Ora essas mulheres unem-se em apoio umas às outras, ora as suas diferenças tornam-se um ponto de tensão, como demonstrado no caso da Conferência Mundial sobre as Mulheres em 1975.

De certa forma, as *ações* que permearam todas as temáticas tratadas anteriormente, tornam-se o tema central do penúltimo capítulo. Dessa vez, Delap explora as estratégias feministas que tornaram-se ações e propostas concretas. De ações diretas realizadas pelo movimento sufragista britânico às manifestações da Marcha das Vadias, diferentes formas de ação são analisadas pela autora.

As temáticas abordadas são encerradas em *canções*, pois Delap busca ouvir o feminismo através das múltiplas vozes que o compõem. Músicas políticas, mulheres na indústria da música, o canto como ferramenta de protesto e gêneros musicais que despontaram do



movimento feminista, são explorados pela autora que compreende as origens históricas e as trajetórias das confluências entre canções e movimento feminista.

Ao longo de sua obra, os eixos temáticos abordados por Delap são apresentados todos no plural, assim como o título do livro. O ponto forte deste trabalho é pensar em um movimento múltiplo, com diferentes experiências e demandas. Ao apresentar o feminismo como um campo político em constante conflito e disputa desde a sua origem, Delap enriquece a análise do movimento ao explorar um de seus principais paradoxos: ao buscarem a sua inclusão na sociedade, as feministas também geraram algumas de suas próprias exclusões. Atualmente, há quem ainda insista em tratar o movimento feminista como um bloco monolítico e homogêneo. Geralmente são análises que partem de interesses políticos bem estabelecidos, numa tentativa de reduzir e cercar a capacidade revolucionária de determinados grupos que compõem o movimento. *Feminismos: Uma História Global* é uma produtiva contribuição para superar essa noção.

A escolha da autora em elaborar a obra a partir de temáticas também é um ponto positivo da obra, visto que busca distanciar-se de uma história linear e progressiva que narra acontecimentos através de eventos e personalidades marcantes. Delap afirma que “uma exposição linear da mudança ao longo do tempo não capta com facilidade os padrões globais da mobilização feminista [...]” (DELAP, 2022, p. 267). Do mesmo modo que a linearidade não compreenderia toda a gama de complexidade da luta por igualdade de gênero, já que em suas palavras “direitos obtidos nem sempre são mantidos, e com frequência é preciso defendê-los ou readquiri-los depois de um revés.” (DELAP, 2022, p. 267).

*Feminismos: Uma História Global* demonstra de forma clara a importância dos espaços para o movimento feminista e suas lutas e demandas. Como a maioria dos adeptos da perspectiva global, a obra de Lucy Delap é composta a partir da região norte do globo terrestre. Esse espaço é fundamental para entendermos os caminhos trilhados pela autora para a composição de seu trabalho. Inclusive, Delap descreve em seus agradecimentos a importância das bibliotecas e das universidades européias para a investigação das temáticas propostas. Para ela esses espaços são “tesouros de histórias feministas” (DELAP, 2022, p. 278).

Em seu trabalho, os reflexos desse espaço tornam-se positivos pela diversidade de pesquisas sobre países fora do norte global, que o próprio norte global produz. Entretanto, a obra de Delap é praticamente inteira composta por estes países, restando pouca análise de fontes diretas



consultadas pela autora em arquivos fora do eixo anglo-americano (seu recorte espacial de pesquisa antes de sua escolha pela perspectiva global). A bibliografia consultada pela autora trata-se, sobretudo, de pesquisas produzidas em língua inglesa, ficando reservado o espaço para uma minoria de bibliografia de outros países fora do norte global, mas que foram traduzidas para o inglês. O que deixa a questão se o trabalho de Delap trata-se mais de um levantamento historiográfico de produções anglo-americanas sobre as temáticas abordadas por ela, do que uma pesquisa aprofundada a partir de fontes históricas que os diversos feminismos em contextos globais produziram.

É importante mencionar que em alguns momentos do livro, a autora destaca a escassez do patrimônio documental do movimento feminista, assim como a classificação e o conteúdo dos arquivos acerca do tema. Em suas palavras: “os arquivos históricos - os poucos que documentam o feminismo - se inclinam para a história que as feministas mais poderosas e privilegiadas desejam contar” (DELAP, 2022, p. 13). Quando a autora retoma sua análise sobre a metáfora do “feminismo em mosaico”, ela também argumenta: “não foram bem guardados os registros de protestos e ideias feministas de ativistas pobres, da classe trabalhadora, migrantes ou de minorias étnicas que lutaram por mudança”.

No caso do Brasil, podemos constatar que a renovação dos estudos de gênero e do movimento feminista tem também contestado a ideia falaciosa de que o feminismo foi originado dos meios de mulheres burguesas brancas e intelectualizadas. Um exemplo disso é o livro de Glaucia Fraccaro, *Os direitos das mulheres: feminismo e trabalho no Brasil (1917-1937)*, lançado em 2018. A obra é resultado de sua tese de doutorado defendida no campo da História Social do Trabalho da UNICAMP no ano de 2016. A pesquisa de Fraccaro foi contemplada com o prêmio "Mundos do Trabalho em Perspectiva Multidisciplinar, da Associação Brasileira de Estudos do Trabalho (ABET)", que publicou sua tese de doutorado em formato de livro.

Nesta obra, a autora realiza uma atenta análise sobre o período de transição da Primeira República no Brasil, na conhecida Era Vargas, direcionando seu olhar para a construção dos direitos das mulheres através da formação das leis trabalhistas do país. Para isso, Fraccaro investiga as relações do Estado com as trabalhadoras, as políticas internacionais sobre o trabalho das mulheres que emergiam no período, o movimento operário brasileiro e suas lutas e o movimento feminista brasileiro que ganhava fôlego nos primeiros anos do século XX. O recorte temporal da pesquisa está localizado entre o ano de 1917, momento de



efervescência pelas greves operárias no Brasil, até 1937, ano em que foi criado o Departamento Nacional da Mulher, órgão que não chegou a ser implementado devido ao golpe do Estado Novo (FRACCARO, 2018).

O trabalho de Fraccaro torna-se importante para pensarmos o argumento de Lucy Delap sobre a escassez de fontes do movimento feminista, pois a historiadora demonstra, de forma excepcional, as diversas maneiras em que podemos pesquisar e encontrar documentos sobre as lutas das mulheres. O livro de Fraccaro, permite um espaço para pensarmos as mulheres comuns e trabalhadoras como formuladoras de teorias e análises sobre a sua realidade, assim como agentes de reivindicações de seus direitos e demandas por igualdade de gênero.

Para isso, Fraccaro consultou inúmeros periódicos da época, os boletins do Departamento Estadual do Trabalho, os prontuários da Delegacia Estadual da Ordem Política e Social (DEOPS), as circulares do Centro dos Industriais de Fiação e Tecelagem (CIFT), arquivos da Organização Internacional do Trabalho, cartas, atas e relatórios da Internacional Comunista. Nesses arquivos, a autora buscou os fragmentos e ecos da história das mulheres trabalhadoras e de que forma essas mulheres atuaram a partir das pautas do movimento feminista, contribuindo assim para a construção do feminismo.

A contribuição brasileira para a diversidade do processo histórico do movimento feminista é lembrada brevemente por Delap em alguns momentos do livro. Em um trecho do capítulo *espaços*, por exemplo, o livro *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX*, trabalho de Maria Odila Leite da Silva Dias sobre as trabalhadoras livres e escravizadas em São Paulo, no século XIX, é citado. A obra foi lançada no Brasil em 1984 e traduzida na Inglaterra em 1995, de modo que Delap faz uso da edição traduzida para a língua inglesa. A contribuição do trabalho de uma das maiores historiadoras brasileiras, fornece a *Feminismos: Uma História Global*, a demonstração de como as mulheres livres e escravizadas se uniram em solidariedade para resistir à cobrança de impostos sobre suas atividades no comércio da cidade de São Paulo. A obra de Dias é o resultado de sua pesquisa em diversos arquivos históricos da cidade de São Paulo, sobretudo aqueles que se referem aos processos-crime do Tribunal Judiciário de São Paulo. Ou seja, a história das mulheres pobres, da classe trabalhadora, negras e imigrantes, podem ser encontradas em diversos arquivos (DIAS, 1995).

O contexto brasileiro é citado em outros dois momentos de *Feminismos: Uma História Global*. Na introdução, a autora recupera uma citação da editora do *O Jornal das Senhoras*, a argentina Juana Paula



Manso de Noronha, pois a personagem traça um contraponto entre as mulheres da Europa, que em sua opinião seriam “avançadas”, e as mulheres da América do Sul que seriam “atrasadas”. Através da citação, Delap buscou demonstrar como nos séculos XIX e XX, o desenvolvimento do nacionalismo levou algumas mulheres a vincular-se aos debates sobre o progresso nacional. Já no capítulo *sentimentos*, a autora faz outra citação, desta vez de uma fala da sufragista brasileira, Bertha Lutz, no ano de 1918. No subcapítulo que trata sobre o tema da maternidade a partir dos sentimentos, a fala de Lutz versava sobre a responsabilidade das mulheres sobre a instrução de seus filhos.

Essas citações são realizadas indiretamente por Delap através do trabalho da historiadora norte-americana June Edith Hahner, *Emancipating the Female Sex: The Struggle for Women’s Rights in Brazil, 1850-1940*, produzido e publicado em língua inglesa no ano de 1990, pela Duke University Press. A fala de Bertha Lutz e o editorial de Juana Paula Manso de Noronha foram encontrados por Hahner na *Revista da Semana* e no *O Jornal das Senhoras*, periódicos que encontram-se em acesso livre na Hemeroteca Digital Brasileira, local de referência para diversas pesquisas a partir das fontes impressas sobre a história e a sociedade brasileira.

Cabe mencionar que o Brasil é também lembrado no capítulo *ideias* pela figura do presidente Jair Bolsonaro e suas declaradas opiniões e efetivas políticas antifeministas. Realizando alguns paralelos com a conjuntura atual, Delap expressa a relevância de entender o passado dos feminismos e de como suas continuidades permanecem tangentes no período atual.

Outro exemplo desse paralelo com a contemporaneidade é a questão trans, abordada brevemente pela autora, mas capaz de indicar como os feminismos ainda estão em profundo debate, disputa e exclusão de determinados grupos de mulheres. A experiência de pessoas transgêneras e transexuais nos feminismos é evidenciada como sendo anterior aos tempos atuais. A autora explora no capítulo *canções* como a “cultura das mulheres” nos mundos da dança, da música e da arte nos anos 1970-1980, provocaram a exclusão de pessoas trans através da hostilização e do controle sobre o que determinaria a “condição de mulher”.

Ainda hoje, lamentavelmente, o feminismo precisa lidar com grupos que buscam a exclusão de algumas mulheres de seus movimentos. A permanência da ideia do “ser mulher” como algo essencialmente biológico, como defendem os grupos de feministas radicais trans-excludente (mais conhecidas como TERF, do inglês: *trans-exclusionary*





*radical feminist*) são um exemplo de como o movimento feminista ainda é capaz de produzir suas próprias exclusões. Delap, ao demonstrar as controversas de um certo essencialismo presente no movimento feminista, provoca os leitores a pensar sobre as contribuições de Raewyn Connell e de Judith Butler que buscam romper com a ideia dominante de gênero como biogenética.

Portanto, a obra *Feminismos: Uma História Global*, aponta que a perspectiva global ainda atravessa muitos limites para chegar à condição de um paradigma historiográfico. O problema do acesso às fontes devido às distâncias geográficas, assim como, pela barreira idiomática, por exemplo, acabam por fazer com que os historiadores que investem na perspectiva global elejam análises sobre documentos e bibliografias mais próximos de suas realidades ou de produções anteriormente realizadas. No entanto, a obra de Lucy Delap mostra-se uma produção significativa para compreender as complexidades dos feminismos e de seus múltiplos projetos. *Feminismos: Uma História Global* nos provoca a pensar sobre as conexões entre as demandas e lutas dos movimentos feministas ao longo da história e sobre diversos contextos globais. A obra é capaz de complexificar o feminismo como movimento e conceito, fazendo com que nós, historiadores, queiramos nos dedicar para que as vozes excluídas do movimento possam vir a falar cada vez mais alto.

## Referências

CONRAD, Sebastian. O que é história global? Tradução de Teresa Furtado e Bernardo Cruz. Lisboa: Edições 70, 2019.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX. 2<sup>o</sup> edição. São Paulo: Brasiliense, 1995.

DELAP, Lucy. *Feminismos: Uma história global*. Tradução de Isa Mara Lando e Laura Teixeira Motta. 1<sup>a</sup> edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

FRACCARO, Gláucia. Os direitos das mulheres: feminismo e trabalho no Brasil (1917-1937). Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018.



DELAP, Lucy. *Feminismos: Uma história global*. Tradução de Isa Mara Lando e Laura Teixeira Motta. 1<sup>o</sup> edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

239

**Samara Akemi SARAIVA**

*Mestranda do Programa de Pós Graduação em História pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Graduada em História - Licenciatura pela mesma instituição (2017-2021). Participante dos Grupos de Pesquisas "História Social da Cultura: Literatura, Imprensa e Sociedade", da UNIFESP, coordenado pelo Prof. Dr. Denilson Botelho, e "História, Literatura e Sociedade" da UFSC, coordenado pelo Prof. Dr. Denilson Botelho e Prof. Dr. Adriano Luiz Duarte. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0412327739426842>. E-mail: [samara.akemi@unifesp.br](mailto:samara.akemi@unifesp.br).*

*Recebido em: 31/01/2023*

*Aprovado em: 18/08/2023*